

José Pereira Coutinho
Religião em Portugal
Análise Sociológica



Imprensa
de Ciências
Sociais

Índice

Abreviaturas	13
Introdução	15
Capítulo 1	
Sociologia da religião em Portugal	19
Origens.....	22
Agentes por cidade.....	24
Lisboa.....	25
Porto.....	32
Outras cidades.....	33
Religiosidade popular.....	35
Resumo.....	36
Capítulo 2	
Religião e conceitos relacionados	39
Religião.....	39
Religiosidade.....	47
Sagrado.....	53
Resumo.....	57
Capítulo 3	
Modernidade	59
Modernização.....	59
Primeira modernização.....	60

Segunda modernização	71
Resumo	82
Secularização	85
Genealogias filosóficas	86
Antecedentes	92
Teorias clássicas	97
Sucessores das teorias clássicas	103
Resumo	126
Capítulo 4	
Secularização em Portugal: perspectiva histórica	131
Níveis societal e organizacional	131
Da Fundação ao Antigo Regime	134
Monarquia Liberal	138
I República	143
Estado Novo	146
Democracia	148
Resumo	151
Nível individual	154
Religião popular	156
Análise histórica da religiosidade	160
Resumo	170
Capítulo 5	
Análise do campo religioso português	173
Organizações religiosas	175
Tipologias gerais	175
Tipologias específicas	179
Resumo	181

Envolvente do campo religioso português	183
Envolventes contextual e transaccional	185
Ameaças e oportunidades	190
Atractividade, estrutura e factores críticos de sucesso	191
Resumo	195
Igreja Católica	196
Organização e distribuição territorial	197
Novos movimentos eclesiais	200
Evolução	207
Resumo	212
Minorias religiosas	213
Retrato quantitativo	216
Retrato qualitativo	236
Capítulo 6	
Análise da religiosidade em Portugal	257
Tipologia religiosa	257
Tipo praticante	257
Tipo peregrino	281
Tipo convertido	292
Resumo	298
Religiosidade jovem	299
Juventude	300
Portugal	317
Resumo final	335
Bibliografia	343
Anexo	385

Introdução

A religião tem sido esquecida como domínio sociológico. A utilidade pública de alguns domínios, a existência de semitabu em relação aos estudos religiosos, a influência confessional na produção científica e a sua débil teorização podem ter contribuído para este desinteresse (Vilaça 2006, 122-127). Apesar deste contexto desfavorável, a produção neste campo científico tem sido desenvolvida, sobretudo em Lisboa e no Porto. Da fase inicial, focada na empiria em detrimento da teoria, este campo científico evoluiu para a problematização teórica do campo religioso português à medida que se secularizou, ou seja, que se autonomizou da pastoral católica. Pelo domínio da fé católica no território português, compreende-se que a sociologia do catolicismo dominasse inicialmente. Com a democracia, a abertura política e a subsequente promulgação da liberdade religiosa permitiram a pluralização religiosa. A entrada de imigrantes de outras matrizes religiosas tem agitado o nosso campo religioso, possibilitando análises novas nesta área. A mudança do perfil médio do português, mais capitalizado, induz certamente novas exigências espirituais, as quais impõem teorizações ajustadas à sociedade do conhecimento. Enfim, a evolução social recente provocou metamorfoses no campo religioso português, exigindo novas grelhas de análise.

Nos últimos anos, alguns trabalhos sociológicos sobre religião têm surgido em Portugal.¹ D. Rodrigues (2007) abordou vários assuntos: definição de religião, sociologia da religião, relação religião/igreja/Estado, protestantismo e pentecostalismo, secularização e novos movimentos

¹ D. Rodrigues (2007), Lopes (2010), A. Teixeira (2012b, 2013b) e Duque (2014).

religiosos. Como se compreende pela introdução, o livro resultou da conjugação de vários textos do autor, o que explica o seu carácter retalhado e abreviado. Para além de não abordar o catolicismo, provavelmente por não se incluir nas linhas de investigação do autor, Portugal foi apresentado brevemente. Lopes (2010) dividiu o seu livro em duas partes. Na primeira parte, definiu a Igreja Católica² como objecto de análise e discutiu os paradigmas analíticos da nossa modernidade – a secularização e a tipologia praticante/peregrino/convertido. Na segunda parte, analisou a Igreja no mundo e em Portugal, passando depois para a análise da religiosidade actual assente em dois tipos – o praticante ou a religiosidade institucional, o peregrino ou a religiosidade fluida. Ao contrário do anterior, este livro privilegiou o catolicismo, embora os dados apresentados estejam geralmente desactualizados. A. Teixeira (2012b, 2013b) apresentou o campo religioso português de forma abrangente (catolicismo e minorias), apesar de o campo católico se cingir à pertença e à prática. Duque (2014) caracterizou de forma multidimensional a religiosidade dos portugueses, comparou-a com os países católicos europeus e analisou a influência dos factores sociais e culturais na mesma.

Aproveitando os contributos destes autores, o presente livro pretende ir mais além, oferecendo uma análise sociológica da religião em Portugal, actualizada e mais abrangente. Em vez de apresentar a sua tese de doutoramento, defendida, em 2012, no ISCTE-IUL, estes sete anos permitiram avanços na sua pesquisa e reflexão, levando a apresentar outro livro, não a tese. Esta obra assenta sobretudo em análises próprias, contributos novos aos temas tratados, o que se afigura como seu contributo maior. Quando não existem análises próprias, mas existem trabalhos existentes sobre determinado tema de presença obrigatória, apresenta-se o seu estado da arte, o que se afigura como contributo suplementar deste livro. Contudo, temas relevantes para a sociologia da religião em Portugal, como é o caso do fenómeno de Fátima, não foram contemplados, pois implicariam um redimensionamento considerável da obra e não têm sido estudados pelo autor. O mesmo se pode dizer em relação à incorporação de perspectivas analíticas provindas do campo da antropologia, sobretudo centradas

² Para simplificar, a Igreja Católica é referida ao longo do texto como Igreja, excepto na última secção do capítulo 5 sobre as minorias religiosas em que se abrevia para IC.

nos comportamentos festivos e rituais, nos usos da memória ou nas estruturas simbólicas do religioso.

Este livro não privilegia correntes teóricas, pois os contributos válidos dos sociólogos e outros cientistas sociais, de qualquer quadrante teórico, são sempre bem-vindos, contanto que úteis na análise de cada tema tratado. Em termos epistemológicos, privilegia-se a corrente realista crítica, que se apresenta como terceira via entre a corrente positivista e a corrente relativista (*e.g.*, Danermark *et al.* 2002). Contra o positivismo, considera-se que não há observações empíricas neutras, mas dependentes sempre de conceitos e de relações de poder; contra o relativismo, considera-se que a ciência, embora de produção contingente, pode gerar conhecimento, pois há um mundo real independente das nossas ideias. Na verdade o posicionamento epistemológico condiciona toda a produção científica, nomeadamente o posicionamento metodológico. De facto, a sua atitude moderada não favorece qualquer tipo de métodos (qualitativos ou quantitativos), antes considera a importância da triangulação como melhor forma de produzir conhecimento (Riis 2012, 241-242), mesmo que a análise de realidades maiores imponha habitualmente a metodologia quantitativa.

Vejam-se os capítulos deste livro. No capítulo 1, analisa-se o campo científico da sociologia (e antropologia) da religião em Portugal, seus agentes e obra respectiva. No capítulo 2, discutem-se as definições de religião, religiosidade e sagrado. No capítulo 3, aborda-se a modernidade em dois subcapítulos: no primeiro, estudam-se a modernização e a sua influência na religiosidade actual, analisando-se os contributos dos teóricos mais relevantes; no segundo, examinam-se a secularização e as várias correntes teóricas, desde os clássicos e as suas raízes filosóficas. No capítulo 4, examina-se a secularização em Portugal em três níveis de análise (macro, meso, micro) e em perspectiva histórica. No capítulo 5, analisa-se o campo religioso português: primeiro, com o enquadramento teórico das organizações religiosas; segundo, com o estudo da envolvente; terceiro, com a análise da Igreja; quarto, com a análise quantitativa e qualitativa das minorias religiosas. No capítulo 6, passa-se para a perspectiva micro ou individual: primeiro, analisam-se os tipos religiosos contemporâneos, assentes na concepção de Hervieu-Léger (praticante, peregrino, convertido); segundo, define-se juventude e analisa-se a religiosidade juvenil em Portugal.

Este livro pretende dar alguns contributos. No capítulo 1, oferece-se uma visão panorâmica geral e actualizada da produção sociológica e antropológica da religião em Portugal, a qual se refere ao longo da obra. No capítulo 2, discutem-se conceitos essenciais para as análises seguintes. No capítulo 3, oferece-se uma perspectiva abrangente dos principais enunciados teóricos da sociologia da religião, nos quais se inscrevem as discussões actuais sobre a religião no mundo ocidental, essenciais para os capítulos seguintes. No capítulo 4, analisa-se a perspectiva histórica do paradigma teórico central da sociologia da religião – a secularização – fundamental para se apreenderem tendências e para enquadrar os dois capítulos seguintes. No capítulo 5, apresenta-se uma abordagem bastante abrangente da realidade religiosa portuguesa em perspectiva meso ou organizacional. No capítulo 6, esta abordagem meso passa a micro, analisando-se os vários tipos religiosos na sociedade portuguesa, focando-se, por fim, na juventude portuguesa.

Os quatro primeiros capítulos são produções originais do autor. Os capítulos 5 e 6 têm na sua maioria produções originais do autor, ainda que com algumas excepções: no capítulo 5, a parte das minorias religiosas socorre-se de trabalhos existentes, embora ofereça dados novos recolhidos pelo autor; no capítulo 6, algumas partes sobre os tipos religiosos apoiam-se em trabalhos existentes. Por fim, os resumos em cada capítulo, subcapítulo ou secção são contributos importantes para ajudar o leitor a sintetizar e apreender a matéria lida, mesmo que nalguns casos incluam discussão.

Compare-se com as publicações atrás referidas. O capítulo 1 tem alguns pontos comuns com D. Rodrigues (2007) e Lopes (2010), mas apresenta-se muito mais abrangente. O capítulo 2 tem alguns pontos comuns com D. Rodrigues (2007), Lopes (2010) e Duque (2014), mas apresenta-se muito diferente. O capítulo 3 tem alguns pontos comuns com D. Rodrigues (2007), Lopes (2010) e Duque (2014), mas apresenta-se muito diferente e muito mais aprofundado. O capítulo 4 é totalmente inédito. O capítulo 5 tem alguns pontos comuns no segundo subcapítulo com Lopes (2010) e no último subcapítulo com A. Teixeira (2012b, 2013b), mas apresenta-se muito mais abrangente. O capítulo 6 tem alguns pontos comuns no primeiro subcapítulo com Lopes (2010), A. Teixeira (2012b, 2013b) e Duque (2014), mas apresenta-se diferente e/ou bastante mais abrangente.